

## Chega de imprevidência

A aritmética é a maior inimiga da ilusão.

Há algumas décadas que teimamos em ignorá-la. Vem-se sacrificando o curto e médio prazos em proveito do longo.

Claro que toda geração tem o dever de legar melhores condições para as seguintes. Chega a ser um impulso até biológico. O que não justifica o massacre do presente em nome do futuro.

Mas preferimos queimar etapas. Seria melhor não citar muitos casos, que despertariam polêmicas quanto à sua oportunidade. O espantoso consiste na coincidência tão repetitiva, que deixa de ser coincidência.

O que não nos impede de mencionar as contradições máximas.

Parece inacreditável os brasileiros, no sentido de suas classes dirigentes, nunca terem meditado, antes que o problema se tornasse grave, quanto à prioridade das ferrovias sobre as estradas de rodagem. Alega-se que herdamos um sistema confuso, de várias bitolas, dificultando a uniformização. Admita-se que seja verdade.

E daí?

Ninguém nunca prestou atenção às advertências, que há muito se multiplicam, de que o petróleo se encontra rapidamente a caminho do esgotamento e, portanto, todas as probabilidades apontavam na direção de uma reação dos países produtores, em geral discriminados no Terceiro Mundo? Donde, inclináveis, em qualquer momento, a uma resistência final, talvez dramática, como acabou sucedendo?

Onde estávamos com a cabeça ao esquecermos, por completo, as ferrovias?

Já não se diga que foram inúteis as rodovias e sim que os arrogantes tomadores de decisão ignoravam, ou eram cegos, ao que se passava nos Estados Unidos, no Canadá e União Soviética, os três países exatamente maiores que o Brasil em área, e que vinham adotando, com êxito, estradas de ferro que não excluíam as de rodagem.

O mesmo se diga das hidrovias.

Fomos ao extremo de construir a Transamazônica paralela ao Amazonas. Não se precisaria dizer mais nada. Como se fosse conveniente, ou mesmo possível, esquecer as cidades instaladas, às vezes há séculos, à margem do grande rio e seus principais afluentes, e criar de repente novos centros demográficos e econômicos noutra parte.

O mesmo se aplica à educação.

Inverteu-se escandalosamente a pirâmide, só agora com grande esforço repondo-se na posição natural, com a instrução universitária recebendo mais recursos que a secundária e primária. E ainda se aceitou a precária classificação da Unesco, que não vigora nos países desenvolvidos, admitindo-se a chamada alfabetização funcional, constando de aprendizado da assinatura do

nome, quando nas nações desenvolvidas se exige um mínimo de seis anos de escolaridade.

E depois nos queixamos...

Só é de estranhar que, após tantos erros, a reação popular ainda tarde em manifestar-se intensamente.

Porque faz parte do credo das elites demissionárias atribuir passividade eterna às suas vítimas.

Será que não se prevê o óbvio protesto dos eleitores?

As cassações de mandatos, por eles, tendem a ser mais numerosas que pelo AI-5. Muita gente vai perder dinheiro tentando eleger-se ou reeleger-se. E nada melhor, para a democracia, que eleições sucessivas e frequentes. Otto Lara Resende diz que devia haver eleições anualmente. Com efeito, cairiam as despesas eleitorais, pelo absurdo dos custos, e se tornariam mais autênticos os seus resultados. Nos Estados Unidos os deputados federais e estaduais têm mandatos de dois anos...

A coincidência, que está para haver no ano próximo, é em si perigosa, embora quase inevitável a esta altura. A coincidência dá mais continuidades às instituições, poupadas de terremotos abalando do vereador ao Presidente da República, no último caso através do seu colégio eleitoral também em jogo. Principalmente quando todos expostos simultaneamente a um juízo popular que pode ser severo. Motivos não lhe faltam.

Precisamos ter um mínimo de previdência nacional, no sentido de capacidade de ajustarmo-nos às nossas viabilidades, sem teirmos em prosseguir sacando contra o futuro indefinidamente.

Ao que tudo indica, não haverá mais super-potências no próximo século. As de hoje estarão então a tal ponto atormentadas com seus problemas internos, que dificilmente ainda insistirão em hegemonias militares internacionais. A hegemonia tenderá a acontecer por força do seu poderio econômico, científico, tecnológico. As hipotecas sociais deverão ser resgatadas, a começar pela nossa, muito maior que a dívida externa.

Uma democracia, para tornar-se social, necessita de partir da democracia econômica. Mesmo a produtividade não imporia excessivas distâncias de classe. E a melhor maneira de distribuir renda é a educação. Medida que nada tem de longo prazo, se quisesse de fato erradicar o analfabetismo no máximo em cinco anos, num grande esforço nacional, logo completado pelo aprofundamento do 2º Grau noutros dez ou quinze anos. Assim, no espaço de uma geração, estaria encaminhado a solução do mais básico dos problemas.

Ao mesmo tempo, que o povo se manifeste democraticamente, com a maior frequência possível, para julgar e renovar seus quadros dirigentes. Não se trata de fórmula miraculosa. E sim de deixar que os brasileiros se movimentem e construam seu próprio futuro. O inferno está cheio de boas intenções, devendo-se acrescentar, dos seus dirigentes, quando as têm...